

CONTRAPONTO FEUERBACHIANOS ÀS TESES MARXIANAS SOBRE FEUERBACH

Júlio Aurélio Vianna Lopes¹

Resumo:

Pesquisa teórica que detecta, em obras de Feuerbach publicadas e conhecidas por Marx no período durante o qual escreveu suas *Teses Ad Feuerbach* (só publicadas após a morte de ambos), para destacar naquelas certas formulações feuerbachianas contrárias às críticas marxianas então formuladas (embora somente guardadas) ao seu pensamento. Objetivando *ampliar a compreensão do pensamento de Feuerbach nos aspectos criticados por Marx nas teses de 1845*, o autor discute suas (im)pertinências teóricas, à medida que as formulações feuerbachianas detectadas, e correspondentes *a contrario sensu* das críticas marxianas, assentam o oposto às conclusões de eventual sentido passivo-contemplativo, ao evidenciarem uma passionalidade racional transformadora da realidade na qual imerge a humanidade. Neste sentido, procedeu à discussão elencando cada tese marxiana juntamente às formulações feuerbachianas correspondentes porque *especificamente* contrárias a elas e conclui por compreender o contraste entre ambos os filósofos como exprimindo duas vias políticas distintas à emancipação humana, embora elas sejam igualmente críticas da miséria humana à qual se opõem e visam superar, totalmente, como ativistas revolucionários.

Palavras-chave: Feuerbach; Marx; Auto-objetivação; Comunidade; Revolução de 1848.

FEUERBACHIAN COUNTERPOINTS TO THE MARXIAN THESES ON FEUERBACH

249

Abstract:

Theoretical research that detects, in Feuerbach's works published and known to Marx during the period during which he wrote his Theses Ad Feuerbach (only published after the death of both), to highlight in those certain Feuerbachian formulations that are contrary to the Marxian criticisms then formulated (although only kept) of his thought. Aiming to broaden the understanding of Feuerbach's thought in the aspects criticized by Marx in the theses of 1845, the author discusses its theoretical (im)pertinences, as the detected Feuerbachian formulations, and corresponding a *contrario sensu* to the Marxian criticisms, establish the opposite to the conclusions of a possible passive-contemplative sense, by evidencing a rational passion that transforms the reality in which humanity immerses itself. In this sense, he proceeded to the discussion by listing each Marxian thesis together with the corresponding Feuerbachian formulations because they were specifically contrary to them and concluded by understanding the contrast between both philosophers as expressing two distinct political paths to human emancipation, although they are equally critical of the human misery which they oppose and aim to overcome, completely, as revolutionary activists.

Keywords: Feuerbach; Marx; Self-objectification; Community; Revolution of 1848.

¹ Pesquisador Titular em Ciência e Tecnologia da Fundação Casa de Rui Barbosa, onde atua desde 2002. PHD em Ciência Política pelo extinto IUPERJ (1998), Pós-Doutor em Sociologia pela UFPE (2014) e atual Pós-doutorando em Filosofia pela Universidade de Lisboa desde 2023 e supervisionado pela Professora-Doutora Adriana Serrão. Autor de 20 livros sobre temas da cidadania em geral, dentre os quais "Viver em rede: as formas emergentes de dádiva" (2017) e "O dom cultural: a cultura no desenvolvimento humano" (2019). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7502-4793>. E-mail: julio64aurelio@gmail.com. Conferência sobre Feuerbach na FCRB: <https://youtu.be/m3wPmoM2fec?si=4XffVmTfVa6fjMIp>. Contato: [fb.com/julio.a.lopes.50](https://www.facebook.com/julio.a.lopes.50) (perfil em Facebook).

Introdução

Integradas ao *cânon* marxista desde sua publicação, anexa à obra *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã* (1886/8) de Engels, após a morte de Marx (1818/1883), que as guardara registradas como “Sobre Feuerbach”, as 11 críticas marxianas ao pensamento dele (falecido em 1872) também não foram conhecidas pelo mesmo (Neto, 2020, p.71). Ao contrário das feitas pelo filósofo Max Stirner, cuja publicação, no mesmo ano em que Marx escrevia as suas (1845), foi replicada publicamente por Feuerbach e ensejou profícuo debate filosófico entre ambos (Serrão, 2013).

Como a escrita das 11 críticas marxianas foi posterior às 2 cartas que Marx enviara a Feuerbach, nas quais confessara devoção intelectual² e ciência de certas obras dele, elas podem ser objetos de uma pesquisa teórica que detecte nelas formulações feuerbachianas que problematizem aquelas teses de 1845. Apesar de não suprirem a lacuna do debate entre ambos filósofos (já falecidos quando da publicação das *Teses*), a consulta destas obras, ainda mais do que as restantes e posteriores a 1845, enseja uma problematização das críticas marxianas, *estritamente no que tangem a Feuerbach*, que pode contribuir, no mínimo, à maior clarificação do pensamento feuerbachiano. Eis o objetivo principal do presente artigo.

Para detectar elaborações feuerbachianas *diretamente contrapostas* às críticas marxianas de Feuerbach, foram utilizadas as obras *A essência do Cristianismo* (1841), *Princípios da Filosofia do Futuro* (1843) e *A essência da fé segundo Lutero* (1844), por seu conhecimento confesso por Marx³. Por sua relação intrínseca com tais textos, durante a elaboração feuerbachiana concomitante ou posterior deles, também os manifestos de 1842 (*Teses provisórias para a reforma da filosofia e Necessidade de uma reforma da filosofia*), alguns publicados por Arnold Ruge, com quem Marx então trabalhava como jornalista-político (Serrão, 2020, p.268). De fato, *todas* as teses marxianas contra Feuerbach podem ser problematizadas, senão refutadas quanto ao mesmo, por formulações feuerbachianas já do período em torno do qual foram escritas por Marx.

² Em carta de 3 de outubro de 1843: “[...] não posso deixar ainda de fazer uma breve excursão *epistolar* até si, já que não me foi concedido travar o seu conhecimento pessoal.” Na de 11 de agosto de 1844: “[...] mas é-me grato aproveitar uma ocasião para lhe exprimir a alta estima e – se me permite a palavra – o amor que nutro por si.” (Marx *apud* Serrão, 2020, p 271 e 275, grifo dele).

³ Em carta de 1843: “Eu creio quase poder concluir do seu prefácio à 2ª edição da *Essência do Cristianismo* [...]” e na carta de 1844: “A sua *Filosofia do Futuro*, tal como a *Essência da Fé*, desde logo [...] de maior peso do que toda a literatura alemã atual junta. [...] Estão a ser preparadas 2 traduções [...] da sua *Essência do Cristianismo* [...]. Os artesãos alemães [...], a parte comunista deles, várias centenas, escutaram [...] palestras sobre a sua *Essência do Cristianismo* [...] pelos seus instrutores secretos” (Marx *apud* Serrão, 2020, p 271, 275 e 277.).

O procedimento adotado consiste, pois, em elencar cada uma das *Teses sobre Feuerbach*, seguida de suas correspondências opostas em obras do filósofo, em torno do período em que elas foram escritas por Marx e, especialmente, daquelas nas quais ele apreendera o pensamento feuerbachiano. O contraste entre cada *Tese* marxiana e formulação *a contrario* feuerbachiana enseja breve discussão específica temática do pensamento feuerbachiano, cuja compreensão coerente irá se evidenciando, progressivamente, até ser arrematada pela conclusão do artigo.

Teses marxianas *ad* Feuerbach X Contrapontos feuerbachianos *a contrario sensu*

Tese I: “A principal insuficiência de todo o materialismo até aos nossos dias – o de Feuerbach incluído – é que as coisas, a realidade, o mundo sensível são tomados apenas sob a forma do *objeto* ou da contemplação; mas não como *atividade sensível humana, práxis*, não subjetivamente. Por isso aconteceu que o lado *ativo* foi desenvolvido, em oposição ao materialismo, pelo idealismo – mas apenas abstratamente, pois que o idealismo naturalmente não conhece a atividade sensível, real, como tal. Feuerbach quer objetos sensíveis realmente distintos dos objetos do pensamento; mas não toma a própria atividade humana como atividade objetiva. Ele considera, por isso, na *Essência do Cristianismo*, apenas a atitude teórica como a genuinamente humana, ao passo que a *práxis* é tomada e fixada apenas na sua forma de manifestação sórdida e judaica. Não compreende, por isso, o significado da atividade “revolucionária”, de crítica prática.” (Marx, 1982 [1845], p.2).

Embora Feuerbach defina a vida pela sensibilidade ao ambiente, a humana é por ele concebida como *única* (das terrestres) *difusamente sensível*, por não ser adstringida a certos objetos, como a exercida por demais animais. Tal indeterminação sensível inscreve a humanidade ilimitadamente no mundo, *inclusive objetivamente em si mesma*, à medida que *todos* os seus componentes essenciais (razão, amor e vontade) *são exercidos tão ativamente quanto objetivamente* (Feuerbach, 2022 [1841], p.40 a 42).

A sensibilidade feuerbachiana não é meramente subjetiva ou inativa, já que objetos sempre expõem a objetividade do sujeito humano, na obra questionada:

Por isso cada um considera com razão o seu ofício, a sua classe, a sua arte ou ciência como a mais elevada, pois o espírito do homem é apenas o modo essencial da sua atividade. [...] Através dos seus objetivos, da atividade na qual ele realiza esses objetivos, é, porém, o homem ao

mesmo tempo, como algo para si, também algo para os outros, para o geral, para a espécie.

Daí propor que tal autoconsciência promova viver, plenamente, em prol da humanidade interdependente (Feuerbach, 2021 [1841], p.228).

O carácter objetivamente ativo da sensibilidade feuerbachiana (por não cindir a razão do organismo humano inerente a um ambiente) se assenta na interdependência tão relacional quanto objetiva entre sujeito e objeto que, *pela humanidade*, se torna plenamente informada, subjetivamente:

O ser que respira refere-se [...] a um ser a ele exterior; [...] mas o ser pensante refere-se a si mesmo, é o seu próprio objeto, [...] é o que é, graças a si próprio. [...] Por conseguinte, também na vida designamos as coisas e seres apenas segundo os seus objetos. [...] O que trabalha a terra é camponês; quem tem a caça por objeto da sua atividade é caçador; quem apanha peixes é pescador, e assim por diante. [...] um objeto efetivo, só me é dado quando me é dado um ser que age sobre mim, quando a minha auto-atividade [...] encontra na atividade de outro ser o seu *limite* – uma resistência (Feuerbach, 2008a [1843], p.9-10 e 53).

Sensibilidade e atividade implicam-se, necessariamente: “O mistério da ação recíproca resolve-se apenas na sensibilidade. Só seres sensíveis agem uns sobre outros. Eu sou eu – para mim – e ao mesmo tempo tu – para outrem. Mas só o sou como ser sensível” (Feuerbach, 2008a [1843], p.54).

Tese II:

A questão de saber se ao pensamento humano pertence a verdade objectiva não é uma questão da teoria, mas uma questão *prática*. É na práxis que o ser humano tem de comprovar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o carácter terreno do seu pensamento. A disputa sobre a realidade ou não realidade de um pensamento que se isola da práxis é uma questão puramente *escolástica* (Marx, 1982 [1845], p.2).

Como formulador filosófico em oposição total ao idealismo hegeliano (Engels, s/d, p.176), Feuerbach propôs uma filosofia da imanência na qual a sensibilidade *humana* propiciaria acesso generalizado à realidade. Cujo conhecimento consistiria em reconhecimento coletivo das experiências de participantes sem exclusões, à medida que exercentes dos sentidos humanos. Então, *também* autoconscientes das relações intersubjetivas travadas durante o acesso aos dados da realidade em face de *quaisquer* seres humanos, universalizando sua coleta, armazenamento e debate no cotidiano ordinário.

No empreendimento filosófico feuerbachiano, de uma filosofia aberta à generalidade humana, não há margem para nenhuma escolástica no acesso à verdade, nem ao empirismo excessivamente analítico que dissolva fenômenos na miríade dos detalhes. Por isso, a opção feuerbachiana é pela universalidade relacional do conhecimento humano:

Se há *interesse* por uma coisa, há também para ela *aptidão*. Os místicos e escolásticos da Idade Média não tinham nenhuma aptidão [...] para a ciência natural porque não tinham qualquer interesse pela natureza. [...] Que é a luz, [...] sem o olho? Nada. E a ciência da natureza não vai mais longe. [...] A prova de que algo *existe* mais nenhum sentido tem a não ser que algo *não é só pensado* [...] mas só existe o que é ao mesmo tempo para mim e para o outro, aquilo acerca do qual concordamos [...] o que não é somente meu, o que é *universal*. [...] No pensar, sou um sujeito absoluto, [...] sou intolerante. Pelo contrário, na atividade dos sentidos, sou liberal; permito que o objeto seja o que eu próprio sou – sujeito, um ser *real que se manifesta*. [...] a verdade não existe no pensamento, no saber por si mesmo. *A verdade é unicamente a totalidade da vida e da essência humanas*. (Feuerbach, 2008a [1843], p.24, 28, 41, 42 e 73).

Tese III:

253

A doutrina materialista de que os seres humanos são produtos das ‘circunstâncias e da educação, seres humanos transformados são, portanto, produtos de outras circunstâncias e de uma educação mudada, esquece que as circunstâncias são transformadas precisamente pelos seres humanos e que o educador tem, ele próprio, de ser educado. Ela acaba, por isso, necessariamente, por separar a sociedade em duas partes, uma das quais fica elevada acima. A coincidência do mudar das circunstâncias e da actividade humana só pode ser tomada e racionalmente entendida como *práxis revolucionante* (Marx, 1982 [1845], p.2).

Talvez tal crítica não seja pertinente a Robert Owen (1771/1858), em cujo “individualismo cooperativo” (Lopes, 2022) insistiria já como revolucionária (Owen, 1849) e não mais como mera inovação educacional (Owen, 1813). Mas certamente não se aplica a Feuerbach, cujo prólogo aos princípios filosóficos os legitimava pela mudança de condições objetivas como prévia e portanto, tão viabilizadora da agitação revolucionária, quanto dela como responsável pela sua futura viabilização (Feuerbach, 2008a [1843], p.5-6).

Assim, apostava na filosofia que formulava, porque baseada na sensibilidade humana como via de ampliação das consciências individuais, desde que chegado o momento histórico no qual ela seria pedagógica para a emancipação humana:

Épocas históricas só nascem, pois, quando se torna *verdade* o que antes era apenas pensamento. [...] devemos apenas *não separar dos sentidos o entendimento* para encontrar *no sensível* o suprassensível, isto é, o espírito e a razão. [...] A tarefa da filosofia e da ciência em geral consiste, pois, não em se afastar das coisas sensíveis, [...] mas em *tornar visível, objetivo, o que é invisível para os olhos comuns* (Feuerbach, 2008a [1843], p.57, 61 e 62).

Tese IV:

Feuerbach parte do facto da auto-alienação religiosa, da duplicação do mundo num mundo religioso, representado, e num real. O seu trabalho consiste em resolver o mundo religioso na sua base mundana. Ele perde de vista que depois de completado este trabalho ainda fica por fazer o principal. É que o facto de esta base mundana se destacar de si própria e se fixar, um reino autónomo, nas nuvens, só se pode explicar precisamente pela auto-divisão e pelo contradizer-se a si mesma desta base mundana. É esta mesma, portanto, que tem de ser primeiramente entendida na sua contradição e depois praticamente revolucionada por meio da eliminação da contradição. Portanto, depois de, por exemplo a família terrena estar descoberta como o segredo da sagrada família, é a primeira que tem, então, de ser ela mesma teoricamente criticada e praticamente revolucionada (Marx, 1982 [1845], p.2).

Feuerbach visava, com sua crítica *específica* da religião cristã, extrair do Cristianismo (cuja divindade é amorosamente qualificada) o amor – assim designando a afetividade natural entre seres humanos, mesmo quando exercidos somente entre próximos – enclausurado nessa tradição religiosa, para que fosse tão decisivo no mundo não religioso, quanto a razão nele era.

Então, a cisão a ser superada era entre amor e razão, cuja unidade integraria a humanidade:

O amor só pode se fundar na unidade do gênero [...]; só então ele é um amor fundamental, [...] garantido, livre, pois ele se baseia na origem do amor [...]. [...] O amor é a existência subjetiva do gênero, como a razão é a existência objetiva do mesmo. [...] O gênero não é um mero pensamento; ele existe no sentimento [...] do amor. O gênero é que me inspira o amor (Feuerbach, 2022 [1841], p.332-333).

Em nota detalhava que “[...] o amor deve ser naturalmente [...] dirigido para o próximo. No entanto, é universal quanto à sua natureza, por amar o homem pelo homem [...]” (Feuerbach, 2022 [1841], p.333).

A nova filosofia feuerbachiana restituiria a naturalidade humana do amor, tal qual a da razão já se tornara ostensivamente reconhecida, fora do domínio religioso estrito. Uma reforma intelectual-moral geral *antropoteísta* contrária às cisões (entre trabalho e oração, fé e

descrença, terra e céu, homem e cristão) que travavam a emancipação humana pela plenitude republicana:

O teísmo baseia-se no *conflito* entre a *cabeça* e o *coração*; [...] O antropoteísmo é o coração elevado a *entendimento* [...]. por conseguinte, a nova filosofia [...] é a *religião autoconsciente* – a religião *que a si mesma se compreende*.” (Feuerbach, 2008c [1842]) “O Cristianismo é negado [...] na ciência e na vida, na arte e na indústria [...]. Até agora, [...] uma negação inconsciente. Só hoje é que ela é [...] visada diretamente, e tanto quanto o Cristianismo se aliou aos inimigos do impulso fundamental da humanidade presente, o [...] da *liberdade política* (Feuerbach, 2008b [1842]).

Tese V: “Feuerbach, não contente com o *pensamento abstracto*, apela ao *conhecimento sensível*; mas, não toma o mundo sensível como actividade humana sensível *prática*.” (Marx, 1982 [1845], p.2).

O objetivo feuerbachiano principal de sua crítica da religião, tanto *em geral* quanto das tradições judaico-cristãs nas quais se diviniza um Criador supremo, foi revelar o Homem como criativo do mundo onde vive e convencer qualquer leitor disto, discutindo como nossa espécie tem projetado seus atributos naturais na figuração de divindades. Portanto, de que o homem pode ser um deus benfazejo para o homem e não necessariamente lobos entre si, à medida que *criamos* o mundo habitado como espécie, *apesar* de sermos criaturas da natureza (Feuerbach, 2022 [1841], p.149-170):

Entretanto, nós homens nos distinguimos também do mundo das plantas e animais [...]. Por isso, devemos também festejar [...] a nossa diferença essencial. Os símbolos desta nossa diferença são vinho e pão. [...] Por isso, em cada mordida do pão, que te redime do martírio da fome, e em cada sorvida de vinho, que alegra teu coração, pensa no Deus que te proporcionou estas dádivas benignas – no homem! (Feuerbach, 2022 [1841], p.343-344).

Toda aspiração [...] tem algo contra si, de fato eu desejo que algo que *não* seja e, vice-versa [...]. Mas o que é o teu desejo, a tua aspiração? Liberdade de todos os males, [...] liberdade da morte [...], liberdade dos limites da natureza; em *uma* palavra: *bem-aventurança* (Feuerbach, 1967 [1844], p.373 e 403).

Tese VI:

Feuerbach resolve a essência religiosa na essência *humana*. Mas, a essência humana não é uma abstracção inerente a cada indivíduo. Na sua realidade ela é o conjunto das relações sociais.

Feuerbach, que não entra na crítica desta essência real, é, por isso, obrigado:

1. a abstrair do processo histórico e fixar o sentimento religioso por si e a pressupor um indivíduo abstractamente - *isoladamente* - humano;
2. nele, por isso, a essência humana só pode ser tomada como "espécie", como generalidade interior, muda, que liga apenas *naturalmente* os muitos indivíduos (Marx, 1982 [1845], p.3).

Feuerbach nada concebe isoladamente, menos ainda à composição da humanidade, a qual nele é concebida como processo comunitário naturalmente inerente e, portanto, também histórico. Só há humanidade onde encontremos comunidades, porque vivem juntos, livremente, quem se ama no sentido de estabelecerem laços afetivos entre si. Elas variam, no tempo e no espaço em graus e formas, mas todas indicam a possibilidade de unidade humana mais aperfeiçoada, porque tão afetiva quanto racional.

Assim é o homem o Deus do homem. O fato de ele existir deve ele à natureza. O fato de ele ser homem deve ele ao homem. [...] Limitado é o saber de um indivíduo, mas ilimitada é a razão, ilimitada a ciência, porque ela é um ato conjunto da humanidade. [...] Espírito, sagacidade, fantasia, sentimento [...] todas essas chamadas faculdades da alma são forças da humanidade [...], são produtos da cultura, da sociedade humana. Somente quando [...] o homem se choca com o homem surge o espírito e a sagacidade, [...] quando o homem se aquece com o homem surge [...] o amor, um ato comunitário que sem ser correspondido é a maior das dores, a fonte primitiva da poesia – e somente quando o homem fala com o homem, somente no discurso, num ato comunitário, surge a razão (Feuerbach, 2022 [1841], p.131).

256

Tese VII: “Feuerbach não vê, por isso, que o próprio "sentimento religioso" é um *produto social* e que o indivíduo abstracto que analisa pertence na realidade a uma determinada forma de sociedade” (Marx, 1982 [1845], p.3).

Ao compreender a humanidade *historicamente* através da evolução religiosa, *tendencialmente* evoluindo de expressões naturalistas (animísticas) às politeístas e destas às monoteístas, Feuerbach interpretara as religiões enquanto auto-objetivações coletivas, embora espontâneas, inconscientes e ainda não conscientemente deliberadas por coletividades humanas. De fato, sua pretensão foi substituí-las por auto-objetivações tão coletivas quanto autoconscientes numa Filosofia que assumisse as posições religiosas, inclusive de suas referências realmente correspondentes à integralidade humana, à medida que fossem percebidas como autorreferidas à humanidade (Feuerbach, 2022 [1841]):

A auto-objetivação religiosa [...] deve ser distinguida da auto-objetivação da reflexão e da especulação. Esta é arbitrária, a outra espontânea, necessária, tão necessária quanto a arte, a língua. [...] O

desenvolvimento da religião referido acima em geral consiste então, observando-se mais de perto, em que o homem cada vez mais nega Deus e se afirma. No início o homem coloca tudo sem distinção fora de si. [...] Tudo que, num período posterior ou num povo culto, é atribuído à natureza ou à razão, é num período anterior e num povo ainda inculto atribuído a Deus (Feuerbach, 2022 [1841], p.69 e 71).

Tese VIII: “A vida social é essencialmente *prática*. Todos os mistérios que seduzem a teoria para o misticismo encontram a sua solução racional na práxis humana e no compreender desta práxis.” (Marx, 1982 [1845], p.3).

Evidentemente, a filosofia feuerbachiana não é a da *práxis*, que então recentemente (redigidos os *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844), caracterizaria a marxiana como adaptação da natureza pelos homens, durante a (re)produção social de suas condições materiais. Porém, à sensibilidade humana (feuerbachiana) não são alheias as carências, inclusive materiais, cujo reconhecimento protestante (desprezado pela tradição católica) enalteceu quando “[...] todas as suas forças lhe faltam, o seu ânimo cede, a sua confiança em si mesmo desaparece. Desesperado, exclama: Ah! Como é exatamente nada o homem sem comida!” (Feuerbach, 1967 [1844], p.361). Posteriormente, ainda publicaria *O mistério do sacrifício ou o homem é o que come* como uma de suas derradeiras obras (1866).

Porque ser *humanamente* sensível (no largo espectro feuerbachiano dos 5 sentidos fisiológicos unidos com o entendimento racional) implica que cada ser humano é um circuito unitário no qual receptividade e atividade – nesta ordem, sendo as emoções as primeiras reações ativas às sensações que nos são impingidas – integram necessidades cuja satisfação é decisiva e, portanto, continuamente decidida pela ação impulsionada neste sentido e as carências materiais são nele primordiais:

A dor é um protesto clamoroso contra a identificação do subjetivo e do objetivo. A dor do amor é o fato de algo *não* ser na realidade o que é na representação. Mesmo a dor física exprime com suficiente clareza esta diferença. A dor da fome consiste apenas no fato de não haver nada de objetivo no estômago, de o estômago ser como que objeto para si mesmo, de as paredes vazias se comprimirem uma à outra em vez de comprimirem um alimento (Feuerbach, 2008a [1843], p.55).

Mas só onde existe movimento, efervescência, paixão, sangue, sensibilidade, reside também o *espírito* (Feuerbach, 2008c [1842], p.13).

Tese IX: “O máximo que o materialismo *contemplativo* consegue, isto é, o materialismo que não compreende o mundo sensível como atividade prática, é a visão dos indivíduos isolados na ‘sociedade civil’” (Marx, 1982 [1845], p.3).

Durante a contraposição feuerbachiana à tese anterior, foi esclarecido que à sensibilidade humana jamais corresponde mera recepção, mas é tendencialmente orientada para a ação, deliberada ou espontânea, sobre objetos da subjetividade. Sendo que a institucionalização do Poder político, sob formato tão republicano quanto democrático, é um momento fundamental ao ativismo político feuerbachiano, defendido para solucionar os problemas coletivos da humanidade, e não o mero associativismo civil:

O Estado é a totalidade realizada, elaborada e explicitada da essência humana. No estado, as qualidades ou atividades essenciais do homem realizam-se em “estados” particulares; mas na pessoa do chefe do Estado, são reconduzidas à identidade. O chefe do Estado deve representar todos os “estados”; diante dele, todos são igualmente necessários e igualmente justificados. O chefe do Estado é o representante do homem universal (Feuerbach, 2008c [1842], p.19-20).

Tese X: “O ponto de vista do antigo materialismo é a sociedade “civil”; o ponto de vista do novo a sociedade *humana*, ou a humanidade socializada.” (Marx, 1982 [1845], p.3)

Embora prefira discutir a abordagem marxiana do gênero humano em contraste com a feuerbachiana na conclusão do artigo, cabe ressaltar aqui que o viés feuerbachiano, como já exposto no contraponto à tese marxiana anterior (IX), *não* é a da atomização individual característica do termo “sociedade civil”, então utilizado para distinguir o que não pertencia ao Estado, no interior de nações.

Pois a centralidade feuerbachiana do amor (abarcando *todos os afetos benéficos*), em *quaisquer* livres junções humanas, também confere à humanidade uma vocação comunitária pela qual nunca são suficientes as meras reuniões pontuais, mas sempre teriam sido fundamentais vínculos afetivos para a formação, continuidade e, mesmo, evolução de coletividades humanas, que perdurem no tempo e espaço.

Como *nenhuma individualidade* feuerbachiana se constitui ou é exercida sem alteridade individual correspondente e lhes é intrínseca a interdependência objetivamente indispensável entre si, incapazes de realizarem suas propensões individuais sem complementação alheia, o propósito feuerbachiano é (na era da liberdade política) uma inédita *comunidade humana democrática*:

[...] o outro é o representante do gênero, mesmo sendo um, ele me supre a necessidade de muitos outros, tem para mim um significado universal, é o deputado da humanidade que fala em nome dela para mim, o solitário, portanto, ainda que unido somente a um, tenho uma vida comunitária humana [...]. Somente no outro tenho a consciência da humanidade; somente através dele eu experimento, sinto que sou homem; somente no amor por ele torna-se claro que ele pertence a mim e eu a ele, que ambos não podemos existir um sem o outro, que somente a comunidade faz a humanidade (Feuerbach, 2022 [1841], p.213).

O Papa, cabeça da Igreja, é homem como eu; o rei, homem como nós. Ele não pode, pois, impor ilimitadamente as suas fantasias; não está por cima do Estado, por cima da comunidade. Se suprimirmos a cisão entre [...] o céu, onde somos senhores, e a terra, onde somos escravos, se, pois, reconhecermos a terra como lugar do nosso destino, então [...] leva diretamente à *república*. [...] Só quando tiveres suprimido a religião cristã é que tu, por assim dizer, terás *direito* à república; pois na religião cristã tens a tua *república no céu*; por isso não precisas de uma aqui. Pelo contrário, aqui deves ser escravo, para que o céu não seja supérfluo (Feuerbach, 2008b [1842], p.7-8).

O homem singular por si não possui em si a essência do homem *nem enquanto ser moral, nem enquanto ser pensante*. [...] Mas o [...] segredo da vida comum e social – o segredo da necessidade do tu para o eu – a verdade de que nenhum ser [...] é apenas por si mesmo um ser verdadeiro, perfeito e absoluto, e que só a ligação, a unidade de seres de idêntica essência, constitui a verdade e a perfeição (Feuerbach, 2008a [1843], p.73-74).

Tese XI: Os filósofos têm apenas *interpretado* o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é *transformá-lo* (Marx, 1982 [1845], p.3).

Feuerbachiano é o pioneirismo filosófico de comprometer (ou propor tornar comprometida) a Filosofia com a Humanidade, na trilogia dos manifestos filosófico-políticos de 1842 e 1843. Neles proclamou a necessidade de uma Filosofia sem escola filiada, assumida por qualquer ser humano e para superar toda miséria humana, *porque* tornaria filosófica a verdade simples de que à Humanidade inteira caberiam todas as faculdades humanas (*ganzer Mensch*) como garantidas e cujas possibilidades são imediatamente percebidas pelos meros sentidos humanos (Feuerbach, 2008b [1842], p.1, 2, 7 e 8; 2008c [1842], p.6, 11, 17, 18 e 20).

Todas as suas sentenças filosoficamente revolucionárias, nos manifestos acima, podem ser resumidas pelo prólogo do último texto de sua trilogia filosófico-política, publicado cerca de 5 anos antes da eclosão das Revoluções europeias de 1848: “A filosofia do futuro tem a tarefa de reconduzir a filosofia [...] de um pensamento sem necessidades para a miséria humana. [...] As consequências destes princípios não se farão esperar” (Feuerbach, 2008a [1843], p.5-6). Seu compromisso com a integralidade humana (*ganzer Mensch*), que exigia

superar toda miséria material e imaterial na Humanidade, foi plasmado em várias sentenças (Feuerbach, 2008a [1843], p.69, 70, 72 e 73), tais como: “O princípio supremo e último da filosofia é, pois, a *unidade do homem com o homem*” e “[...] a nova filosofia, enquanto filosofia do homem – é também uma filosofia *para o homem* – possui [...] uma tendência prática e [...] vem ocupar o lugar da religião - [...] ela própria é em verdade *religião*” (Feuerbach, 2008a [1843], p.74) por visar a integração humana, ligando todos os membros da Humanidade, sem exclusões.

Tal integração sem peias seria imediatamente compreendida como naturalmente necessária pelo apelo aos sentidos, dos quais é dotada a condição humana. Mas garantida pelo exercício tão natural, racionalmente assumido, do *amor* como designativo das diversas afeições intrinsecamente humanas. Cujas dupla dimensão Feuerbach detectara nas 2 principais tradições religiosas cristãs (respectivamente, católica e protestante), embora enrustidas como são as dimensões humanas na religião em geral:

- o amor por outrem (ser - humano ou não – ou coisa) como *sentido inerente* à vida humana, direcionando-a em prol do que ou quem lhe importa:

Tudo aquilo que o homem estabelece como meta essencial da sua vida, declara ele como sendo a sua alma, pois é o princípio do movimento nele. A través dos seus objetivos, da atividade na qual ele realiza esses objetivos, é, porém, o homem ao mesmo tempo, como algo para si, também algo para os outros, para o geral, para a espécie (Feuerbach, 2022 [1841], p.228).

O amor-próprio (por si mesmo) como *confiança íntima* de seu valor humano, justificando seu autocuidado individual: “Tenho, pois, de cuidar de mim mesmo antes de cuidar de outrem, de possuir antes de partilhar, de saber antes de ensinar e, em geral, de me pôr a mim mesmo como fim, antes de poder pôr-me ao serviço de outrem” (Feuerbach, 1967 [1844], p.400).

O amor é aperfeiçoador. Pois aperfeiçoa ao objeto no qual se afeiçoa, sem lhe impor aperfeiçoamentos, mas em congruência conjunta consigo. Tornando importante seu objeto, seja a si mesmo quando for o próprio sujeito ou alheio a si quando relativo a outrem, amar é transformador porque somente beneficia continuamente ao objeto amado e ao sujeito amante, pelo qual o habilita para estar contribuindo a(o) que(m) ama: “Aquilo que para o outro é um *benefício* é em relação a mim, o benfeitor, uma ação moralmente *boa*. [...] A bondade não é, portanto, uma propriedade fixa, mas sim, fluida, transitória. Ser bom significa amar.” (Feuerbach, 1967 [1844], p.368).

Por ambas características amorosas (própria e proposital) serem inerentes à condição humana, seriam viáveis interpelações políticas pela construção *democrática* da comunidade humana, à medida que apelassem ao que importa para cada qual no que ame em si ou em outrem: “Portanto, quem vive na consciência da espécie [...] considera o seu ser para os outros, o seu ser público, comunitário, como o ser que é idêntico ao ser da sua essência [...]. ele vive para a humanidade com toda alma, com todo coração.” (Feuerbach, 2022 [1841], p.228). Devemos transformar o mundo porque a humanidade importa.

Conclusão: Libertação comunitária X Socialização proletária

A Tabela 1 correlaciona as teses marxianas de 1845 às elaborações feuerbachianas contrapostas, em obras de Feuerbach e explicitamente cientes por Marx na década de 1840.

Tabela 1. Críticas marxianas X contrapontos feuerbachianos.

TESE I	A essência do Cristianismo e Princípios da filosofia do futuro
TESE II	Princípios da filosofia do futuro
TESE III	Princípios da filosofia do futuro
TESE IV	A essência do Cristianismo, Teses provisórias para a reforma da filosofia e Princípios da filosofia do futuro
TESE V	A essência do Cristianismo e A essência da fé segundo Lutero
TESE VI	A essência do Cristianismo
TESE VII	A essência do Cristianismo
TESE VIII	Princípios da filosofia do futuro e A essência da fé segundo Lutero
TESE IX	Teses provisórias para a reforma da filosofia
TESE X	A essência do Cristianismo e Princípios da filosofia do futuro
TESE XI	A essência do Cristianismo, Teses provisórias para a reforma da filosofia, Princípios da filosofia do futuro e A essência da fé segundo Lutero

Obs: como não é mencionada, explicitamente, por Marx, em sua correspondência com Feuerbach (outubro de 1843 e agosto de 1844), a obra *Necessidade de uma reforma da Filosofia* (1842) não foi tabelada, mas discutida acima devido à sua inserção orgânica na trilogia de manifestos filosófico-políticos de Feuerbach (1842/3).

Fonte: Teses ad Feuerbach (1845), *A essência do Cristianismo* (1841), *Teses provisórias para a reforma da Filosofia* (1842), *Princípios da Filosofia do Futuro* (1843) e *A essência da fé segundo Lutero* (1844)

A caracterização do posicionamento feuerbachiano como passivo-contemplativo, pelas teses marxianas, é sobejamente refutada pelas obras de Feuerbach publicadas e, quase todas, alegadamente conhecidas por Marx, quando escreveu suas críticas e as arquivou em 1845. Tais contraposições contrastam, a rigor *2 humanismos distintos* por conceberem distintamente a emancipação humana. Embora ambos fossem contrários à pobreza como condição impingida à humanidade, apesar de Marx não perceber o sentido feuerbachiano de emancipação humana, inicialmente, como distinto do que ele adotava.

O ideal normativo de Feuerbach é o de uma comunidade peculiarmente ilimitada (como nenhuma outra já formada) na qual a liberdade política – tema central da humanidade *presente* - alcance toda plenitude: libertária das individualidades, porque acolhedora das diferenças individuais; democrática da participação individual generalizada numa República completa; e humana, porque é a única condição inerente para dela participar, à medida que quaisquer seres humanos se importam, amorosamente, consigo e com outros aos quais amem.

A proposta *política* feuerbachiana é estender o exercício amoroso, *normalmente* exercido pela humanidade, sem mais limitar sua espontaneidade coletiva a determinados grupos, para tornar comunitárias *todas* as diferenças humanas ínsitas à espécie, orientando assim a participação individual nas decisões coletivas gerais: “A essência do homem está contida apenas na comunidade, *na unidade do homem com o homem* – uma unidade que, porém, se funda apenas *na realidade da distinção* do eu e do tu.” (Feuerbach, 2008a [1843], p.73).

A leitura de Marx do trecho acima interpretara as diferenças humanas, inicialmente e em vez de como base feuerbachiana das experiências comunitárias a serem radicalizadas entre individualidades distintas, como as desigualdades classistas a serem canceladas para tornar efetiva a unidade humana, na segunda carta endereçada a Feuerbach, em 11 de agosto de 1844: “Conceber a unidade do homem com o homem, que se funda na diferença real dos homens, e fazer descer o conceito de gênero humano da abstracção para situá-lo na terra real, que é tudo isto senão o conceito de *sociedade*?” (Marx *apud* Serrão, 2020, p.275). Afinal, como exprimiria em 1845 pela sua tese X *in fine* da humanidade socializada, ela somente seria efetiva pela apropriação social dos meios de produção (pelo proletariado) como regime geral de propriedade, caracterizando *politicamente* como marxiano um socialismo proletário (destacadamente industrial) cuja ascensão classista resultaria numa sociedade humana (Marx, 1982 [1845], p.3) *porque* de produtores unificados⁴.

Mas o comunitarismo libertário, democrático e humanista de Feuerbach sequer adotava o termo *Gesellschaft* (sociedade ou grupo de reuniões utilitárias entre seus membros), sempre referido à *Gemeinschaft* (comunidade ou grupo unido por interdependência objetiva e comunhão emocionalmente subjetiva), porque concebia a humanidade, em qualquer âmbito territorial ou quantitativo de participantes, onde e quando houvesse agrupamento comunitário,

⁴ Também dedutível, além da tese X de 1845, por 2 comentários na segunda carta (11/08/1844) a Feuerbach. Interpretando as obras feuerbachianas *Princípios da Filosofia do Futuro* e *A Essência da Fé segundo Lutero*: “Nestes escritos o Senhor deu – não sei se deliberadamente – uma fundamentação filosófica ao socialismo, e os comunistas entenderam assim estes trabalhos desde o primeiro momento. [...] Devia o Senhor assistir a uma das reuniões dos operários franceses [...]. Também o proletário inglês faz progressos gigantescos [...]. O que acontece é que o artesão alemão é ainda demasiado artesão.” (Marx *apud* Serrão, 2020, p.275-276).

ou seja, coletivamente afetivo e com reciprocidades sinérgicas entre seus membros. Daí a fé feuerbachiana⁵ no exercício comunitário amplamente propiciado pela liberdade de participação política nas democracias republicanas, cuja instauração, manutenção e, principalmente, expansão adviria do *ethos humanista* que as permeassem: “*A solidão é finitude e limitação, a comunidade é liberdade e infinidade. O homem para si é um homem (no sentido habitual); o homem com o homem – a unidade do eu e do tu – é Deus*” (Feuerbach, 2008a [1843], p.73).

Tal sentido político feuerbachiano, *também contrário à miséria humana*, foi ainda mais evidenciada por seu *único* texto diretamente político. Em *A Ciência Natural e a Revolução*, após a derrota das Revoluções democráticas de 1848 (1850), no qual depositava suas esperanças nos avanços científicos objetivamente contrários às limitações religiosas da potencialidade comunitária da humanidade. Ali formulou um duplo regime de propriedades garantidas e sem excluir outras:

1- defendeu que propriedade comum só deveria haver para bens *naturalmente disponíveis pela natureza* (ar, luz, espaço, água, etc):

Não apenas democrata, mas também socialista e comunista, é claro, apenas no sentido razoável e geral dessa palavra [...]; pois a natureza nada sabe sobre [...] as ficções pelas quais o homem [...] atrofiou [...] a existência de seu semelhante. [...] O ar por natureza pertence a todos e, portanto, a ninguém, é propriedade comum de todos os vivos; mas o dogmatismo transformou até o ar numa prateleira [...] (Feuerbach, 1971 [1850], p.348).

263

2- defendeu posses individuais básicas como garantidas:

A natureza certamente conhece a propriedade, mas apenas o que é necessário e indistinguível da vida; ela dá a cada ser o que ele precisa; ela não criou um sequer para passar fome. A necessidade da fome deve sua existência apenas à arbitrariedade do Estado [...]. Mas a ciência natural não conhece diferença entre um ventre nobre e um burguês, apenas conhece uma origem comum a todas as pessoas e a mesma (Feuerbach, 1971 [1850], p.348-349).

No mesmo texto, defluiu da natureza em geral a tendência comunitária da humanidade e notoriamente exponencial ao longo de sua trajetória no planeta, de modo

⁵ “A fé é a convicção de que, por toda parte, o bem não sucumbirá ao mal, mas o mal ao bem [...]. A fé abandona-se apenas à própria *causa* justa e boa [...]” (Feuerbach, 1967 [1844], p.394).

condizente com seu comunitarismo democrático, caracterizando-o pela colaboração recíproca de interesses diversos (não opostos):

O naturalista vê que na natureza não há nada isolado [...] como tudo nela está em uma conexão necessária [...]; como os seres naturais são divididos em classes diferentes, mas apenas com diferenças bem fundadas e, [...] mesmo estas finalmente se dissolvem na unidade do todo. Assim, involuntariamente, ele se acostuma [...] a aplicar o grande padrão da natureza à política. [...] Portanto, [...] os padrões mesquinhos da política ministerial europeia [...] encontram sua salvação apenas na democracia. [...] Recebemos substâncias do mundo exterior e as devolvemos, apenas de uma forma diferente, elas são eliminadas. E quanto mais ou menos damos de nós mesmos, mais ou menos temos que receber (Feuerbach, 1971 [1850], p.348 e 354).

Um ano antes da publicação de *O Capital* por Marx, o comunitarismo feuerbachiano também versou sobre o mercado, em geral, posicionando-se pela garantia de seu funcionamento ordinário *quando e enquanto comunitário* (ao invés de sua supressão como atividades humanas interdependentes):

[...] na relação de produtor a consumidor, de vendedor a comprador, a própria prosperidade está necessariamente ligada à dos demais, já que, se os demais não são nada e não têm nada, eu não sou nada e não tenho nada. [...] É o dever que dia a dia, ano após ano, desde a juventude até a velhice, chama o agricultor às suas terras e campos, o artesão à sua oficina, o comerciante ao seu balcão, o escriturário para o seu escritório. Porém, não é este dever ao mesmo tempo sua vantagem, um domínio do seu impulso de felicidade? [...] Ou talvez o compromisso mútuo de não se enganarem mutuamente, de aderir estritamente às regras do jogo, contrasta com a busca, por parte de ambos, de sua própria felicidade? Por que nem sequer o trapaceiro pode ser enganado, se falha a proibição do engano? [...] Porque, se você fosse o enganado em vez do vigarista, você transferiria a censura da infâmia para o outro, portanto, em última instância, porque é a vontade de meu próprio impulso de felicidade não ser enganado ou trapaceado (Feuerbach, 2021 [1866], p.70-72).

264

O contraste entre comunitarismo humanista (feuerbachiano) e socialismo proletário (marxiano) também se verifica na distinta postura de ambos em face da Revolução alemã de 1848 (extensiva às demais Revoluções europeias correlacionadas no período).

O ativismo político feuerbachiano na Revolução alemã de 1848 pela unificação democrática do território germânico (ainda dividido em dezenas de principados e ducados absolutistas) apostava na *democratização política mais ampla* ao ponto de não se esgotar em aspectos institucionais, na opção preferencial por uma República tão democrática quanto social.

Foi candidato de democratas radicais⁶ de Ansbach ao primeiro Parlamento livremente eleito em solo germânico; mesmo derrotado, mudou-se com a família (não sem dificuldades materiais) para Frankfurt, onde se reuniam os parlamentares eleitos e para influir nos debates constituintes, defendendo as teses mais progressistas; e até durante o descenso revolucionário proferiu 30 palestras seguidas no prédio municipal de Heidelberg, aos universitários revolucionários e abertas à população, sobre suas obras, até então e sem descurar dos aspectos políticos de seu pensamento (Tomasoni, 2022, p.12-13). A repercussão política das palestras feuerbachianas – afinadas com a orientação progressista da associação estudantil-universitária que a promovera (proclamando que os valores de Liberdade, Fraternidade e Igualdade deveriam ser nesta ordem realizados e não apenas formalizados) – foi tamanha que atemorizou as elites políticas que moderavam a Revolução interrompida, embora Feuerbach admitisse a solução monárquico-parlamentar formulada pela Assembleia eleita, enquanto não houvesse uma cultura cívica alemã suficientemente evoluída para a República que defendia (Jarausch, 2012, p.103-105, 108).

Enquanto o comunitarismo feuerbachiano condizia com a mobilização revolucionária pela unificação democrática alemã, alargando a cidadania emergente como estratégia de transformação social, o viés classista-proletário de Marx concebia a Revolução de 1848 como experiência política operária (cujos direitos como classe eram, pioneiramente, debatidos no Parlamento eleito) propícia para que o proletariado, a partir do industrial, aprendesse que tais formas institucionais não condiziam com a emancipação social que lhe correspondia como classe. Neste sentido, publicou artigos defendendo a instituição de uma ditadura republicana, similar à jacobina de 1793-1794, para tornar a Revolução mais infensa aos liberais que nela participavam, pois “[...] longe de ser uma Revolução europeia, não passava do eco enfraquecido duma revolução europeia num país atrasado” (Marx *apud* Korsch, 1948, p.6).

Como comunitarismo *ilimitado*, o feuerbachiano trava conflitos *morais contra toda limitação política ou econômica de indivíduos que tolham a expressão de sua diferença individual*. A qual, assumida *enquanto valor comunitário fundamental*, propicia formar ou ampliar comunidades onde a vida humana é o critério público da moralidade coletiva. Uma

⁶ A historiografia caracteriza as Revoluções europeias de 1848, nas quais emergiu o tema da República democrática e social (ainda que então derrotada), como lastreadas tanto em liberais democráticos, quanto em democratas radicais, os quais se distinguiam pela preocupação básica com os *meios* de garantia efetiva da cidadania proclamada pelas mobilizações revolucionárias (Remond, 1974, p.50- 52). Obviamente que Feuerbach atuou neste segmento revolucionário alemão e europeu, embora seu humanismo o transcendesse.

comunidade da diversidade humana - única possível para a humanidade (inteira, no limite planetário) desde que formulada através de pacto político entre as diversas expressões amorosas, tanto próprias a cada membro quanto relativas às com quem se importem em suas relações ou quaisquer demais atividades: “O amor ao ser humano não pode ser derivado, ele deve ser primitivo. Só então torna-se o amor um poder verdadeiro, sagrado, seguro. Se a essência do homem é a mais elevada [...], então também praticamente deve ser [...] a primeira lei o amor do homem pelo homem.” (Feuerbach, 2022 [1841], p.338).

Para substituir a religião pela *política religiosa da humanidade*, integrando progressivamente toda condição humana enquanto *comunitariamente* valiosa, tanto para a interdependência objetiva quanto à afetividade subjetiva, a comunidade da diversidade amorosa precisa duma filosofia cujo filosofar *através dos sentidos humanos* propicie seu exercício cotidiano. O ideal normativo feuerbachiano é tornar *efetivamente* comunitário o que a religião cristã formulara como mera ficção coletiva e problematizava a plena apreensão subjetiva da realidade, mesmo quando ela se tornava aberta às ciências. Como Feuerbach proclamara imediatamente antes de seu doutoramento e mediante carta a Hegel em prol do novo papel a ser desempenhado pela Filosofia:

Pois se [...] trata da filosofia [...] não como um assunto da escola, mas da Humanidade [...] que finalmente agora captou o próprio todo num todo e o exprimiu na forma de um todo, tem agora finalmente de conseguir que não subsista mais um segundo ou um outro [...] (Feuerbach *apud* Serrão, 2019 [1828], p.244 e 245).

Politicamente, assim como a auto-objetivação religiosa *espontânea* (tal qual a arte e outras expressões culturais) deveria ser substituída pela auto-objetivação coletiva *deliberada da política*, esta deveria ser comunitária e não se contentar com meros arranjos entre interesses racionais. Mas estabelecer valores como parâmetros comunitários, ainda que *intencionalmente* e não tradicionalmente, como nas comunidades correntes.

A comunidade feuerbachiana seria tão intencional quanto progressista, diferindo de qualquer comunidade tradicional, pois à medida que a diversidade comunitária consistiria na única tese permanente em seu âmbito, eventuais mutações costumeiras internas seriam normalizadas pelo exercício comunitário por membros ciosos de suas diferenças individuais, sejam quais fossem as nela encontradas ou surgidas.

A comunidade política daí advinda não dispensaria uma ordem institucional, mas apenas como autoridade de garantia da cidadania comunitária na partilha do Poder público

laico. Como proclamado por Feuerbach, desde o primeiro da trilogia de seus manifestos filosófico-políticos:

No Estado, as forças do homem separam-se e desenvolvem-se para, através desta separação e da sua reunificação, constituírem um ser infinito; muitos homens, muitas forças, constituem uma só força. [...] No Estado, os homens representam-se e completam-se uns aos outros – o que eu não posso ou sei, outro o pode. Não existo para mim, entregue ao acaso da força da natureza; outros existem para mim, sou abraçado por um círculo universal, sou membro de um todo (Feuerbach, 2008b [1842], p.6).

Enquanto obra democrática, permanente de confluência recíproca entre diferenças – desde as individuais - a comunidade feuerbachiana foi a primeira formulação política a tentar unificar participação e diferença individual em âmbito comunitário. Um desafio civilizatório cuja atualidade pode se beneficiar da pioneira reflexão feuerbachiana no século XIX: “Mas o impulso prático na humanidade é o impulso *político*, o impulso para participar activamente nos negócios do Estado, o impulso para a supressão da hierarquia política, da insensatez do povo [...]” (Feuerbach, 2008b [1842], p.6). “Eu estou aqui, tu além; somos exteriores um ao outro; eis porque podemos ser 2 sem nos prejudicarmos; há lugar suficiente.” (Feuerbach, 2008a [1843], p.63).

267

REFERÊNCIAS:

ENGELS, F. Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã. In: Marx, K.; Engels, F. **Obras Escolhidas**. v.3. p. 171-207. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, S/d.

FEUERBACH, L. **A essência do Cristianismo**. São Paulo: MEDIA fashion / Folha de São Paulo, 2022 [1841].

FEUERBACH, L. **Espiritualismo y materialismo**: especialmente en relación con la libertad de la voluntad. Trad: Leandro Sánchez Marín. Medellín: En negativo Ediciones, 2021 [1866].

FEUERBACH, L. **Princípios da filosofia do futuro**. Trad: Artur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior. 2008a [1843].

FEUERBACH, L. **Necessidade de uma reforma da filosofia**. Trad: Artur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior. 2008b [1842].

FEUERBACH, L. **Teses provisórias para a reforma da filosofia**. Trad: Artur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior. 2008c [1842].

FEUERBACH, L. **Naturwissenschaft und Revolution**. Gesammelte Werke, Kleinere Schriften III, Bd. 10, p. 347–368. Berlin. 1971 [1850].

FEUERBACH, L. Das Wesen des Glaubens im Sinne Luthers. In.: **Gesammelte Werke 9**, Werner Shuffenhauer, p. 353-412. Berlin: Akademie: Akademie-Verlag, 1967 [1844].

JARAUSCH, K.H. The sources of German student unrest 1815-1848. **Historical Social Research**, Supplement, n. 24, p.80-114, 2012.

KORSCH, K. 1948 – Marx e a revolução europeia de 1848 - Parte I. **Revista Novos Rumos**, [S. l.], v. 54, n. 1, 2017. DOI: 10.36311/0102-5864.2017.v54n1.02.p2.

LOPES, J. A teoria do individualismo cooperativo de Robert Owen. **Realis**, v.12, n. 2, Jul-Dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.51359/2179-7501.2022.253653>.

MARX, K. Teses sobre Feuerbach. In: **Obras Escolhidas de Marx e Engels**. Tomo 1, p.1-3. São Paulo: Editorial Avante, 1982 [1845].

NETO, Pedro L, da C. Nova tradução comentada do Ludwig Feuerbach de Engels. **Crítica marxista**, n.51, p.71-77, 2020.

OWEN, R. **The revolution in mind and practice of the human race**. London: Effingham Wilson Publisher, 1849.

OWEN, R. **A new view of society**. Archive for the history of economic thought. McMaster University: Canada, 1813.

REMOND, R. **O século XIX: 1815-1914**. São Paulo: Cultrix, 1974.

SERRÃO, A. A correspondência Karl Marx-Ludwig Feuerbach. In: Serrão, A. **Nos horizontes da Razão** (Homenagem a José Barata-Moura). p 267-278, Lisboa: Universidade de Lisboa, 2020.

SERRÃO, A. A carta de Feuerbach a Hegel. **Dialectus**, v.8, n.14, p.235-247, 2019.

SERRÃO, A. A pergunta de Feuerbach a Stirner ‘Que significa ser um indivíduo?’. **Philosophica**, v.41, p.97-108. 2013.

TOMASONI, F. **Feuerbach**. São Paulo: Ideias& Letras, 2022.